



## **GT 14. Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Territórios e Conflitos**

### **Coordenador(es):**

José Colaço Dias Neto (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Francisca de Souza Miller (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

### **Sessão 1 - Gênero, Comunidades e Conflitos**

**Debatedor/a:** Luceni Hellebrandt (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

### **Sessão 2 - Conflitos, Processos e Resistências**

**Debatedor/a:** Edna Ferreira Alencar (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Grupos sociais que vivem do extrativismo e da agricultura, entre outras activities – tais como pescadores artesanais e ribeirinhos em geral – foram ou são habitantes de regiões costeiras e historicamente têm sido impactados por diversos fenômenos. A expansão metropolitana, os desastres ambientais de grandes proporções, o turismo em pequena e larga escala, as formas de controle oficial em áreas de interesse ecológico, são alguns processos que vem reconfigurando o uso e a ocupação de territórios costeiros e ribeirinhos no Brasil. Este Grupo de Trabalho pretende reunir pesquisas empíricas em andamento e tem como um de seus objetivos o cruzamento de diversos olhares sobre estes fenômenos, em especial àqueles de caráter etnográfico, que evidenciem conflitos e tensões entre as populações “tradicionais” e os vários modelos de uso e ocupação destes territórios costeiros e ribeirinhos. Reflexões sobre o manejo de ecossistemas, as formas de organização política destas populações, suas estruturas econômicas, bem como os conflitos suscitados por diferentes processos e agentes sociais – sobretudo agências estatais, organizações não governamentais e empresas – são alguns dos aspectos que serão discutidos nesta activity.

### **A (re)existência da comunidade caiçara da Barra do Una (litoral sul de São Paulo): diversidade de artes de pesca tradicionais e conflitos atuais**

**Autoria:** Mariana Santos Lobato Martins (USP - Universidade de São Paulo), Maria de los Angeles Gasalla

Dentre os povos tradicionais que habitam a zona costeira, as comunidades caiçaras enfrentam alguns conflitos com a implementação de áreas de proteção ambiental. O controle sob territórios tradicionais muitas vezes desconsidera as particularidades das comunidades que os habitam historicamente, marginalizando suas formas de organização social e modos de vida. A região da Juréia (SP) é considerada emblemática como exemplo de resistência popular para a manutenção de territórios e direitos dos caiçaras, o que culminou na recategorização e criação do Mosaico de Unidades de Conservação Juréia-Itatins. Nesse contexto se situa a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Barra do Una, onde residem pescadores tradicionais. O presente estudo investigou as artes de pesca tradicionais, além de identificar os efeitos da recategorização para a atividade pesqueira. A partir do diálogo registrado em questionários semiestruturados e de observações participantes, foram identificadas diversas técnicas e petrechos de pesca, além de conflitos atuais. O sistema de produção pesqueira da comunidade Barra do Una possui características da pequena produção mercantil de pescadores artesanais, associada a diferentes ambientes. Dentre a diversidade de artes de pescas (13 no total), destacam o cerco-fixo, retomado após proibição de retirada de bambu em 1990; o picaré; o caceio e o lançamento de caratinga. O saber-fazer da rede de ?tucum?, palmeira nativa, com cabo de rede do linho de ?imbira? e de artes de pesca pretéritas foram revelados pelos anciãos, incluindo o



espinhel, a ?grozeira? e a tarrafa. Evidenciou-se a importância da transmissão intergeracional de conhecimentos relacionada à dependência de fatores ambientais para o exercício da atividade, como fases da lua e ciclos de maré, o que favoreceria a sustentabilidade da pesca. A pesca se estende pelos ambientes costeiro (até 10m), estuarino e dulcícola, estando sobreposta por quatro UCs - três de uso sustentável e uma de proteção integral. Em função das distintas formas de apropriação e reivindicação do território, foram identificados mais conflitos ambientais da tipologia territorial (8), seguido por 3 distributivos e ausência de conflitos espaciais. Conflitos territoriais recorrentes na pesquisa foram: reivindicação do pleno acesso ao território de pesca tradicional; proibição de artes de pescas atuais importantes social, econômica e culturalmente pelas APAs, sem diálogos com a comunidade; e tensões quanto à autodeclaração. O estudo ressalta a importância da pesca tradicional caiçara na conservação ambiental, bem como um quadro de injustiça ambiental agravado pelos diferentes usos atribuídos ao mesmo recorte espacial entre caiçaras e Estado.

[Trabalho completo](#)



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: